



CORREIO EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00712016CE



Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

6 de Agosto de 2016 • Ano LXXIII • N.º 1889
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes



A festa de Pai Américo na Casa do Gaiato de Moçambique

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Não há Rapazes maus

POR perceber esta verdade no acreditar que, mesmo errando, o ser humano deseja o bem, Pai Américo contrariou a geral tendência que se deixa iludir mais facilmente pelo mal que acreditar no bem. O mal e o bem foram sempre os dois polos de referência com que Pai Américo confrontou a vida do Rapaz e de todos aqueles a quem se dirigiu. Sabia que naturalmente praticamos a máxima paulina, em que «o bem que eu quero, não o faço, mas o mal que não quero é que pratico», mas isso não lhe foi obstáculo para acreditar sempre no Rapaz, cuja alma «é um terreno formidável», capaz das maiores empresas.

Daí se tira que o Rapaz não é mau por natureza, maus são os métodos usados na sua educação e do ambiente em que vive, que lhe reforçam a ilusão da bondade do mal. Tirar o Rapaz daqueles ambientes, em que os piores são os melhores, e dar-lhe os meios para crescer seguindo os impulsos do bem, inscritos na sua alma, tendo sempre quem o ajude a perceber o mal que o espreita em confronto com o bem para que a voz da sua consciência o chama, foi a orientação fundamental de Pai Américo, assumida ininterruptamente na pedagogia das Casas do Gaiato. A força para rejeitar o mal e escolher o bem nasce-lhe da justiça que experiencia, animada pelo acolhimento que a comunidade lhe manifesta e do apreço que sente de Deus (o amor humano e o divino).

Hoje o mundo resolveu reduzir a nada este binómio em que a vida humana sempre se desenrola, substituindo-o por uma única referência que é a Lei. Cumpri-la é estar integrado, infringi-la é penalizar o bem da sociedade. Não temos mais o homem bom ou a má pessoa, mas o cumpridor da Lei ou o seu infractor. Ao nível moral ou dos costumes, cada qual faz como entende e não há lugar já para a crítica ou coacção social. Aliás, a própria Lei normalizou este procedimento ao determinar que actos intrinsecamente maus sejam legais, deixando para a conversa de sacristia a discussão sobre a sua liceidade. Cabem perfeitamente aqui os atentados contra a vida humana que a Lei admite e que parece promover e apoiar, como o aborto, a eutanásia e outras manipulações do desenrolar natural da mesma.

Por estes caminhos, será que ainda se justifica falar se há Rapazes maus? Será que vale a pena valorizar uma educação que o ajude a seguir por caminhos que o conduzem ao bem, ou tudo é igual e, por isso, indiferente?

Pai Américo chamava a atenção da sociedade do seu tempo para o abandono a que deixava os pequenos párias das ruas, que um dia mais tarde lhes haviam de assaltar as casas e criar sérios problemas à sua vida tranquila, caso os continuassem a tratar como lixo.

E hoje? Está bem à vista o fruto que se vai colhendo, resultante de opções assentes sobre uma economia autista, que acredita que tudo se resolve com dinheiro e que não há nada para além dele. Ignorar que o ser humano tem uma alma sedenta de verdade e de justiça, que é um ser que ama e precisa de se sentir amado, cuja satisfação não é um apêndice na sua vida nem resulta exclusivamente de qualquer bem material, só ajuda a multiplicar os males deste endeuamento que faz de si o homem tecnológico. Criam-se jovens dispostos a matar indiscriminadamente e a morrer sem escrúpulo, como deuses de si mesmos e dos outros, não são já os pequenos larápios e malfeitores que Pai Américo quis defender de si próprios e dos que lhes apontavam o dedo e repeliam, ao dar-lhes uma casa e uma família.

Como ele costumava dizer, a bola de neve continua o seu caminho e a engrossar no seu correr. Só abrindo os olhos à autêntica realidade das coisas e do ser humano, se pode fazê-la parar, e isso será quando cada um puder ocupar o seu lugar, e ser respeitado nele: a natureza, o homem, Deus. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Há 60 anos – dilacerado

FOI em 16 de Julho de 1956, festa de Nossa Senhora do Carmo, que o Padre Américo partiu para o seio de Deus, a Quem serviu na pessoa dos mais pobres. Afirmou convictamente: *tenho de ser até ao fim o homem das dores*. Portugal inteiro chorou a sua morte; o seu funeral foi uma *apoteose da Caridade cristã*; e a sua memória continua viva na Obra que fundou, na Igreja em Portugal e em África, e na gratidão especialmente dos corações portugueses. A morte não terá colhido Pai Américo de surpresa. Como S. Paulo, podia dizer: *acabei a corrida*. O Bispo do Porto, nas exéquias, disse que morreu como viveu: *apressadamente, inesperadamente, a tratar dos outros, e pelo coração*.

Embora de relance, é pertinente avivar a memória desses dias, mesmo dolorosos, elencando nestas colunas alguns momentos principais. Em 12 de Julho, participou na inauguração e bênção da Capela da Casa do Gaiato de Beire, pelo Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, de que ficou interessante registo fotográfico. Dois dias depois, sofreu um acidente de automóvel (Morris, DD-22-19), em S. Martinho do Campo, concelho de Valongo, no regresso de uma viagem ao sul do País, com última Missa em S. Martinho do Porto e passagem pelo Porto, no Espelho da Moda — Rua dos Clérigos, 54. Daí foi transportado para o Hospital Geral de Santo António, no Porto. Em 15 de Julho, Domingo, de manhã, pediu e recebeu os últimos Sacramentos da Igreja. E, no dia seguinte, morreu de fractura exposta e cominutiva dos membros inferiores, no mesmo Hospital, às 6:05 horas da manhã, com 68 anos.

Em 17 de Julho, na Missa de corpo presente, na Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, presidiu o Bispo de Limira, D. Rafael da Assunção, seu amigo de Moçambique e confidente espiritual. Seguiu-se Missa solene de *Requiem* e os responsos, na Igreja paroquial. O seu funeral teve grandioso acompanhamento, desde a Igreja da Trindade, no Porto, até Paço de Sousa, e ficou bem registado na memória dos presentes e houve grande eco na comunicação social. Foi a sepultar junto do jazigo de família, no cemitério paroquial de Paço de Sousa, conforme a sua última vontade, que deixou escrita:

Não desejo os paramentos do altar, mas somente a batina e descalço.

Com a devida vénia, vamos agora transcrever algumas linhas significativas de um relato do acontecimento, no jornal *A Voz do Pastor*, da diocese portugalense, em especial na cidade do Porto:

O Padre Américo foi vítima de um desastre de automóvel, ocorrido no Sábado, dia 14, em S. Martinho do Campo, quando regressava de Alcobaça, em serviço do Património dos Pobres. Morreu, pois, em plena missão de caridade.

No Hospital, tudo se fez para salvar a vida ao enfermo; em vão, porém! No Domingo, a seu pedido, recebeu os últimos Sacramentos, até que, às 6:05h de segunda-feira, entregou a alma a Deus, que tão zelosamente servira na pessoa dos pobres e das crianças abandonadas.

Continua na página 3

MALANJE

Padre Rafael

NORMALMENTE, aos domingos, de tarde, um grupo de Rapazes pode sair de Casa e ir até à cidade, mudar de ares, visitar algum familiar, os padrinhos ou simplesmente passear... Este Domingo, foi suspenso o passeio porque os Rapazes tiveram uma reunião para falarmos sobre a família.

Na programação do ano, escolheu-se, entre outros objectivos, este, dedicado à família: «Os maiores cuidam dos mais pequenos». A reunião começou com uma breve apresentação do Jacinto como chefe-maioral. Depois, foi a vez do Leonardo, encarregado de preparar o encontro, que nos recordou como o sentimento de família é fundamental na Obra da Rua e como é o nosso comportamento que o reforça. Depois, o Lauro e o André compartilharam connosco o estudo que fizeram com os nossos «Batatinhas» que têm idades

entre os 4 e os 11 anos: «Temos que dar-lhes banho todos os dias e escovar-lhes os dentes», «não vão para a Escola com a roupa suja», «quando doentes, informar o chefe da camarata», «não nos altercamos porque somos humanos»... No fim, saímos com o seguinte compromisso: Escrevemos os nomes de cada «Batatinha» num papel e metemos os papéis dentro de uma bolsa, cada um dos mais velhos escolheria um papel da bolsa, onde apareceria o nome do «Batatinha» que teriam de cuidar, especialmente, até ao fim do ano. Foi o momento mais divertido, porque alguns dos «Batatinhas» eram mais organizado do que aquele que lhe havia calhado — e não se sabia quem ia cuidar de quem... Tudo terminou com a oração do Pai Nosso, por ser a oração da família humana.

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

COMO SEMPRE, MAS CADA VEZ MAIS, É PRECISO CONSTRUIR ESPAÇOS DE SOLIDARIEDADE — O Mundo está perigoso, como infelizmente bem sabemos. É, por isso, natural que haja um sentimento de medo. Isso, no entanto, não nos deve levar para radicalismos, como resposta aos radicalismos que são responsáveis pelas tragédias que agora, quase todos os dias, acontecem por esse mundo fora e cada vez mais perto de nós.

Não devemos ter medo do imigrante, do refugiado, do que tem uma religião diferente da nossa, do que é de uma raça diferente da nossa, do que pensa de uma maneira diferente da nossa. O justo não pode pagar pelo pecador. A ação e os ensinamentos de Cristo estão cheios de mensagens a dizer-nos que não devemos ir por este caminho. Cristo foi rejeitado pelos da sua terra e foi pregar aos “estrangeiros”. Depois enviou os seus apóstolos para fazerem o mesmo. Cristo tem parábolas, como a do Samaritano, a dizer-nos que nós não somos todos bons e os “estrangeiros” são todos maus. Em todo o mundo, há de tudo. O que temos que fazer é considerar sempre as outras pessoas como seres humanos e cuidar das que nos estão próximas e que mais precisam de nós, sejam de que raça, ou de que credo forem.

Por isso, neste mundo cada vez mais perigoso, aos radicalismos para os quais nos querem empurrar, devemos responder, como sempre, mas cada vez mais, com o 1.º Mandamento da Lei de Deus: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos”. Para isso, precisamos, cada vez mais, de construir espaços de solidariedade, aqui e agora, como as Conferências Vicentinas, as Casas do Gaiato e outros onde esse Mandamento acontece, na prática, e que sirvam de exemplo e de incentivo a outras pessoas para também o praticarem. □

ECOS DE 16 E 17

Manuel Pinto

Eram 11:00 horas da manhã do dia 16 de Julho de 2016. Entrei na Capela. Silêncio e paz. Junto ao túmulo de Pai Américo, dois círios acesos; mais além, a candeia que ilumina o sacrário.

Faz hoje 60 anos que Pai Américo “partiu”, e a Obra da Rua, daqui e d’além-mar, continua, com a graça de Deus.

17 de Julho, o dia acordou radioso, luminoso e calorento. O programa anunciado foi rigorosamente cumprido. Tudo festivo, mas com o devido respeito.

Em primeiro lugar, e como não podia deixar de ser, a parte religiosa, composta da santa Missa e da homenagem a Pai Américo, com a nossa gratidão por tanto que nos amou e fez de nós seus filhos.

A Obra da Rua cresceu e espalhou-se por todo o Portugal e por África. E hoje, no nosso convívio anual e comemorando os 60 anos da ida para o PAI de Pai Américo, estamos presentes com alegria e fé e crentes que a Obra da Rua continuará pelos tempos fora.

O almoço decorreu festivamente e com a algazarra habitual. Todos irmanados, pequenos e grandes, novos e velhos, letrados e analfabetos. E o Dia de Pai Américo continuou.

De tarde, o conjunto musical da nossa Associação deixou-nos encantados e encheu a tarde.

Aqui e ali, grupos de antigos gaiatos e seus familiares espalhavam-se pelas sombras que rodeiam o nosso Bar e contavam suas histórias dos outros tempos. O Elísio conversava animadamente com o Padre Baptista. O nosso Padre Júlio estava no salão dos cicerones, para atender visitantes. Mais ao longe, Padre Telmo e o seu bondoso sorriso, falava a vários rapazes.

E a tarde ia caindo. Eis o Manuel António e família que nos veio dar um abraço de despedida, veio e vai para Lisboa. Começou a debandada.

Agora, é o Domingos Teixeira. São os regressos e as promessas de “até ao ano, se Deus quiser”. □

BENGUELA

Anjo da Paz

É PRECISO TER CORAGEM — «... Eu estou sem forças para lutar mais...», assim me disseram alguns dos meus irmãos de casa quando eu lhes falei em prepararmos a nossa festa, mesmo com os tempos difíceis que atravessamos.

Na hora do terço, um dos meus irmãos que se senta na segunda fileira atrás de mim, disse: “Se não tivermos uma boa alimentação no dia da festa, vou-me ausentar da actividade e vou rasgar a lista das actividades desportivas”. Eu não liguei.

Talvez, os meus irmãos não estejam muito focados na realidade em que o nosso País se encontra. Mas eu sei que nestes últimos tempos as coisas estão muito difíceis e todos as sentem. Mesmo assim o pouco que estamos a receber das ofertas dos nossos benfeitores é já uma grande ajuda.

Mas volto ao tema da festa do Pai Américo que foi no passado fim de semana — 16 de Julho —.

Eu encorajei alguns dos meus irmãos para podermos ter uma festa feliz mesmo nestes tempos difíceis e assim seguirmos em frente.

Depois da limpeza da manhã do Sábado, no fim da tarde tivemos a celebração da Eucaristia com o Sr. D. Óscar, Bispo Emérito, e seu secretário, P. Matias, além dos nossos Padre Manuel António e Padre Quim, e mais tarde tivemos o nosso jantar com a presença do sr. Bispo. Nós ficámos muito agradecidos pela sua presença, e eu especialmente estava muito feliz.

No dia do Domingo foi uma aventura de inesperados, tivemos o nosso almoço de irmandade com os nossos irmãos mais velhos que já estão fora, e quando chegou a hora da tarde recreativa ninguém queria perder o espectáculo. Quando eu disse que ninguém queria perder o espectáculo é porque os nossos vizinhos (bairro vizinho) estavam também na tarde recreativa.

A festa foi muito, mais muito boa mesmo, estava melhor do que a do ano passado. Com a presença e ajuda de todos os presentes houve, música, dança, teatro, poesia, adivinhas, concursos e por aí fora...

O meu País tem que ser feito por uma única força. Com a força de todos puxando na corda do mesmo lado e todos juntos, para alcançarmos o que desejamos e o que for preciso. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE ÁFRICA

João Evangelista

ENCONTRO ANUAL — o nosso encontro está agendado para os dias 3 e 4 de Setembro na nossa casa de férias de Azurara. Como vem sendo hábito, pedimos que nos garantas a vossa presença para, em conformidade, gerir melhor as quantidades e a qualidade das nossas refeições e pernoita. Traz a toalha, os lençóis e a fronha! Os números que podes ligar são: João Evangelista, 963227781 e Tavares, 963739284. O programa é idêntico, com a Missa ao fim da tarde de sábado e a nossa reunião antes do almoço de Domingo. Vamos ter tempo para falar e lembrar um pouco como foram passados mais doze meses da nossa vida.

Pai Américo, há 60 anos, após um trágico acidente de automóvel, deixou de estar fisicamente entre nós, mas, lá do Céu, com o PAI, vai dando forças aos nossos padres para continuarem a sua Obra. Ele disse: — Depois de eu morrer, a minha Obra crescerá! E cresceu! Foi o Calvário, que não chegou

a concluir e as Casas de África, que numa caminhada longa e espinhosa ainda hoje são a família de muitas crianças, jovens e adultos. A psicologia dos irmãos mais velhos, com carinho ensinam e promovem o amor em família.

Lembro que o nosso Júlio da Silva lançou o seu livro: *Do que vi, ouvi e senti — Testemunhos de uma vida*, que está ao dispor de quem o queira adquirir.

Faleceu o Almerindo. Deixou-nos no dia 13 de Julho, com 71 anos.

Entrou para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa em Janeiro de 1957, tendo-lhe sido atribuída a alcunha de «Pastor».

Aprendeu a arte de sapateiro e, em 1963, foi escolhido para fazer parte dos fundadores da Casa do Gaiato de Benguela, onde colaborou nos mais



diversos ofícios até atingir o serviço militar. De regresso a Portugal, levou uma vida simples, não deixando para outros o que podia fazer de bem ao próximo. Aos familiares mais próximos e amigos o mais profundo pesar da grande família Gaiata e que Deus lhe dê o eterno descanso. □

MOÇAMBIQUE

Irmã Quitéria

No dia 16 de Julho celebrámos a festa do Pai Américo. Após 60 anos da sua partida para o céu. Os rapazes e a comunidade participaram de acordo com as suas emoções. A preparação deste momento iniciou muitos meses antes. No mês de Junho, todos os dias recordámos os seus ensinamentos, através da partilha do seu Livro dirigido aos rapazes *Cantinho dos Rapazes*. No início da leitura, os rapazes mais velhos, ao pronunciar as primeiras palavras do pai Américo “Meus Filhos”, pareciam entrar no coração de cada um de nós e abrir a mente para a mensagem. Muitas vezes parecia que o Pai Américo estava presente no dia-a-dia da nossa Casa. O que acontece hoje na nossa Casa não é tão diferente do que aconteceu no seu tempo.

Muitos foram os momentos que os nossos rapazes encontraram para comemorar e divulgar a sua Obra. Os mais velhos formaram equipas e organizaram um campeonato com outros jovens das aldeias, o qual intitularam Campeonato do Pai Américo. Outros, deram uma entrevista nos canais de televisão local, divulgando os ensinamentos do Pai Américo. Outros, organizaram a Celebração Litúrgica com a presença do Rev.mo Nuncio Apostólico, Bispo, Pároco e Padres amigos. Os amigos da nossa Casa, organizaram palestras pelas aldeias divulgando a vida e a obra do Pai Américo.

Nos dias 16 e 17, mais de mil pessoas visitaram a nossa Casa e partilharam connosco a alegria contagiante daqueles que no dia-a-dia seguem os ideais do Pai Américo. A nossa Capela estava repleta, gente simples de várias religiões mas com o coração singelo, vieram agradecer as maravilhas que o Pai Américo continua a fazer no seu dia-a-dia. A celebração do dia 16, presidida pelo Rev.mo Dom Francisco Chimoio. Na sua homilia foi coeso em falar da Obra e da grandeza da alma do Pai - Padre Américo. Dizia ele: “A sua firmeza, a sua perseverança, o seu espírito de pobreza, a sua vida de oração e o amor aos pobres, fez com que os seus seguidores até hoje dedicassem o seu amor em nome de Cristo à continuidade desta Obra” e ainda adiantou: “Aqui em Moçambique tantos rapazes já saíram desta casa e outros irão sair de certeza, é o maior testemunho de que Deus esteve e estará sempre presente em todos os que dão a continuidade deste carisma”. O Sr. Padre José Maria, no fim da celebração pediu ao Senhor Bispo, em nome da Igreja Católica em Moçambique, que olhasse com carinho para as crianças mais pobres e os mais rejeitados e que esta Obra continuasse com o apoio da Igreja Católica.

No dia seguinte, Rev. mo Nuncio Apostólico, começou sua homilia por dizer que Pai Américo foi um verdadeiro revolucionário, não só

no seu tempo, mas também para aqueles que continuam a sua Obra e que assumem também este papel perante a sociedade.

Os dois dias foram de muita alegria e descobertas. Os rapazes mais velhos a passar mensagens aos amigos, colegas e familiares e, de toda a parte apareciam notícias de reconhecimento pela vida e obra do Pai Américo.

No salão de festas, foi feita uma exposição com as fotografias da vida do Pai Américo acompanhadas pelos quadros dos nossos artistas da Casa e de algumas relíquias da antiga Casa do Gaiato em Moçambique, que conseguimos resgatar.

Outro dos momentos emocionantes, foi a surpresa feita pelos amigos do Padre José Maria. Um Cristo feito em pau de sândalo, escolhido por ele quando veio pela primeira vez a Moçambique, o qual levou na sua bagagem a quando do seu regresso a Portugal. Esta imagem foi colocada na Capela da nossa Casa. Uma verdadeira Obra de Arte Africana que se identifica por toda simbologia que trás consigo, por do Sr. Padre José Maria tão bem descreve.

Foram, são e serão momentos que jamais serão esquecidos por todos nós. Que o Pai Américo continue a nos dar a graça de viver o Evangelho, como Jesus disse a Marta e a Maria. Meu irmão, meu pai, minha mãe, são todos aqueles que fazem a vontade de Deus. □

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

60 ANOS DA MORTE DE PAI AMÉRICO — Conforme programa anunciado no nosso jornal, depois de participarmos nas Eucaristias em Galegos, em 10 de Julho, e na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, em 12 de Julho, em memória de Pai Américo, também estivemos presentes num colóquio sobre Padre Américo, em 15 de Julho, pelas 20.30 horas, na Igreja da Misericórdia, em Penafiel. Um dia grande aconteceu a 16 de Julho, em que nos deslocámos expressamente num autocarro até ao Porto para participarmos numa Eucaristia, pelas 15.30 horas, na Igreja da Trindade. Chegámos uma hora antes ao átrio e depois participámos na Missa no mesmo lugar de onde saiu o funeral do nosso querido Pai Américo, há 60 anos, depois da sua partida deste mundo. A Igreja estava cheia de amigos e fomos chamados pelo Sr. Padre Fabião (que nos recebeu bem) para ocuparmos lugares na capela-mor, numa celebração presidida pelo Sr. Bispo do Porto D. António Francisco, que falou da vida e

obra de Pai Américo, na sua homilia; e no final cumprimentou-nos. Os cânticos foram bem escolhidos. Foi distribuída uma pagela com a oração para a beatificação do servo de Deus Padre Américo. Depois, comemos um gelado e foi hora de regressarmos a nossa Casa. Aproveitámos ainda para comer o nosso farnel. A seguir, o nosso Padre Manuel concelebrou numa Eucaristia para assinalar a data, na Igreja Matriz de Penafiel, a que se seguiu uma simples homenagem a Pai Américo com flores, junto à sua estátua. No dia seguinte, alguns Rapazes e o nosso Padre Manuel foram à Casa do Gaiato de Paço de Sousa e participaram na Eucaristia dominical. Outro dia feliz foi também em 24 de Julho, Domingo, em que também fomos de autocarro até Coimbra e participámos na Missa dominical, pelas 12 horas, presidida pelo Sr. Bispo de Coimbra, D. Virgílio Antunes, na Igreja paroquial de S. José, em que concelebraram vários sacerdotes e bem cheia de amigos, incentivados pelo Sr. Padre João Castelhana, que nos recebeu

com tanto carinho e amizade, bem como a comunidade cristã. Estava colocada uma foto de Pai Américo na base do altar, com lindas flores. Seguiu-se um saboroso almoço, partilhado no salão paroquial, bem arranjado, também em ambiente de alegria. Foram ainda lançados dois livros: *Padre Américo — O “Santo” dos Pobres*; e *Padre Américo — Precursor do II Concílio do Vaticano*, de D. António Marcelino. Outros livros de e sobre Pai Américo também estiveram disponíveis. Com todos satisfeitos e tudo arrumado, regressámos à nossa Casa, tão contentes por mais esta homenagem tão bela ao nosso Pai Américo, 60 anos depois de ir para o Céu!

FÉRIAS NA PRAIA — Pudemos gozar, desde final de Junho até fim de Julho, férias em várias praias das redondezas, desde os mais pequenos aos maiores. Saíamos de Casa pela manhã, em duas carrinhas, com o



SETÚBAL

Padre Acílio

PADRE Zé Maria voltou a estar connosco. Tem muita família, irmãs e irmãos dedicadíssimos, mas onde se sente melhor é nesta Casa, a sua casa, depois da de Moçambique.

Desta vez veio muito doente e os exames médicos, feitos no Hospital de Santa Maria, são desanimadores, mas ele não se cansa de viver o seu ideal de entrega aos pobres. Fala deles, reza por eles e sonha com eles. Vive uma pobreza sem votos, com entrega total da vida.

Tem sido seu camareiro o Vasco. É ele que lhe leva o pequeno-almoço ao quarto e vigia a tomada dos comprimidos. À noite lava-lhe os pés, unguenta-os com creme e, cheio de carinho, lhe dá muitas recomendações.

Este rapaz deve-lhe muito e tem agora oportunidade e gosto de manifestar a sua gratidão. Faz o que muitos filhos recusam aos pais, neste mundo laico sem valores. É a família!... Bendito seja Deus!

Doente

AD. Conceição tem estado muito doente. É o cansaço e o desgosto!

Foram muitos rapazes, cuja saída para a mãe e para a família, o tribunal agendou para o fim deste ano lectivo.

Ela que se deu a eles de alma e coração, durante longos anos, como dedicadíssima mãe, a pouco e pouco perdeu o comer e o dormir e dificilmente alguém a consola, apesar das muitas visitas.

É natural que isto aconteça na nossa Casa.

Quando alguém nos pede ajuda para uma criança desamparada, logo lhe dizemos: — *Olhe que a Casa do Gaiato não é um colégio, nem um centro de acolhimento ou uma instituição estadual. O rapaz entra na Casa do Gaiato para fazermos dele um homem. Se aceita, muito bem. Se não, arranje outra solução para a criança.*

Mas qual o quê? Os meninos crescem, vão para as escolas. Tornam-se interessantes e a família rodeia-os. — *O meu filho está no colégio. O termo tem nome, cheira a alta classe. Para os colégios vão os filhos das famílias bem.*

Ao despertar para a adolescência, a mãe aparece-lhes como uma emancipação da Casa do Gaiato que os tenta disciplinar, crescer e se formarem *homens*.

A mãe ou a madrasta é uma libertação aliciante para o adolescente que assim se vê liberto, para seguir o que ele pensa ser liberdade.

Para as leis, se a mãe ou família têm condições materiais e a criança deseja ir para ela, é tudo claro. *Este é o bem supremo da criança que o Estado tutela. E pronto!*

Felizmente nem tudo é assim. Eu já ouvi com os meus ouvidos Procuradores a dizerem às mães: — *Olhe que também vivi, muitos períodos da minha vida longe da minha mãe. Bem me custou. Mas, sem isso, não seria hoje Procurador da República.* Eu já ouvi mas isso é de gente com coração que não resolve os problemas humanos com

a frieza de uma questão matemática.

O último a sair foi o António. Aquele menino que nos foi entregue pelo pai, com 3 anos e meio, raquítico como um ratinho, a sofrer de um glaucoma congénito, a quem a D. Isaura, que Deus tem, deu todo o seu ternuroso afecto. Dormiu, durante anos, numa caminha ao lado, no quarto dela. Ela fez deste menino o seu preferido, com tal enlevo, como se o tivesse gerado.

Durante dois anos, andámos com ele em dois Hospitais de Lisboa. Não havia córneas para recuperar a vista da criança. Surgiu-nos uma cunha e ele foi internado no Hospital Pediátrico de Coimbra. Um mês depois, é-lhe enxertada uma córnea no olho esquerdo. Um ano e meio a seguir, fizeram-lhe o mesmo no direito. Consultas semanais às 8:30 horas da manhã obrigava-nos a ir de véspera, depois passou a quinquenais e a seguir mensais durante quatro anos.

O António fez a escola infantil e terminou o 5º ano no lectivo passado.

A mãe recebeu sempre o abono de família, com este raciocínio expresso, várias vezes: «se o filho é meu, o abono também é meu». Assim alguns apoios que a criança precisava não lhe eram pagos pelo Estado, por não sermos receptores do abono. Foi esta Casa que os suportou, ao longo dos anos.

Tendo-nos pedido o cartão de residência, recusou-se a mandá-lo, para o António fazer as provas de passagem, obrigando-nos a ir a um advogado autenticar uma cópia.

O tribunal entregou-lhe o filho e, como a criança tinha um exame marcado aos ouvidos no Hospital de Setúbal, ela que o devia levar lá,

trouxe-o para aqui para sermos nós a acompanhá-lo e deixou-o nesta Casa sem dizer nada a ninguém. Isto foi numa quinta-feira. O exame era na sexta. Disse ao filho que viria buscá-lo na terça-feira seguinte. O António foi passar o fim-de-semana na Arrábida com os amigos e trouxe-o no Domingo à noite. A mãe não veio. Telefonou-lhe que só viria no sábado. Não cumpriu. Apareceu no Domingo.

Só por este apontamento se vê a capacidade desta mãe para um filho cheio de problemas.

O António escreve em Braille. Logo no início da escola normal lhe compramos uma máquina para fazer os trabalhos de casa.

Todas as manhãs lectivas, uma senhora se levantava para o acordar, assistir, dar-lhe o pequeno-almoço e pô-lo na carrinha para a escola, onde regressava pelas 18 horas.

Quando a D. Isaura deixou de poder, as outras senhoras revezavam-se. Uma semana cada uma, mas a D. Conceição estava sempre alerta, com medo que alguma coisa falhasse, o que nunca aconteceu, mas ela já não dormia mais.

Agora, depois de uma série deles, o tribunal entrega também o António.

Quem dá maternidade é que é mãe.

Sabemos que a natureza tem uma força própria, não só de um lado, mas também do outro. Quem decide deve saber bem o que faz para os dois pratos da balança, mas os preconceitos apregoados por quem faz o mal podem influir no resultado.

D. Conceição foi-se abaixo, já foi ao médico várias vezes “mas o coração tem razões que a razão não entende”. □

BEIRE – Último sonho de Pai Américo

Um admirador

Continuação do número anterior

Neste primeiro parágrafo do texto, prende-me particularmente a atenção uma faceta muito peculiar do pensamento e obra de Pai Américo sobre esta matéria. Reparem nas próprias palavras dele: *Fazem hoje falta no mundo estes nomes, estas ideias, estas Obras humanas de sabor divino.* Pai Américo, ainda antes do Vaticano II e dos novos caminhos da teologia, já vislumbrava que não pode haver Evangelho onde não houver *Obras humanas de sabor divino...* Insisto: Não pode haver Evangelho onde não houver *Obras humanas de sabor divino...* Obras humanas, sim, mas de *sabor divino.* E o engraçado é que, hoje, nos meios mais esclarecidos nesta matéria, já vamos aprendendo a ler o “Sermão da Montanha” a esta luz. Mas no tempo de Pai Américo, ainda não havia “teologia da libertação”... Ainda não havia. Havia (e, infelizmente, ainda vai havendo...) muita *teologia da treta.* Só que Pai Américo, no seu jeito de *ler (alimentar-se d’)* o Evangelho, já se sentia na obrigação de criar *um lugar onde cada padecente leve, sim, mas não arraste a sua cruz dolorosa.*

Em seu jeito de *empatizar* com o Pobre, Pai Américo compreendia que “se ele é difícil ao incurável não ter onde viva, quanto mais desesperado não ter sítio onde morrer?” E isso leva-o a alertar-nos, por palavra e por obras: “Temos obrigação de meditar nestas coisas e reagir contra o estado delas. Não podemos aiosamente alegar ignorância, porquanto os diários costumam dar a notícia do homem e

da mulher que, agora e logo, aparecem mortos nos palheiros. Maior é a nossa culpa”. É que o *empatizar* de Pai Américo era mais do que o “pôr-se na pele do outro”, como se ensina nas escolas de enfermagem, de psicologia e/ou de sociologia. Não. O *empatizar* de Pai Américo era em+**CARIDAD**+ar, sem vergonha de o dizer. Isto é, o *empatizar* de Pai Américo era praticar a CARIDADE. Corajosamente. Com honestidade. Como recoveiro dos Pobres. Sem desvios para as “caridadezinhas” que tanto têm denegrido a verdadeira CARIDADE. Essa que sempre tenta *responder integralmente às necessidades essenciais do homem* — que *não vive só de pão...* Nem só da dita *solidariedade* de uma *assistência social*(izada)...

Avançando na exposição da sua ideia, Pai Américo aclara: “Parece que esta feição da vida social tem escapado aos organizadores de hospitais. Não sei se em qualquer deles haja sido instalado o serviço permanente no caso dos incuráveis. O hospital tem a função de curar. Os leitos são para eles. O incurável não pode entrar; e se, entrando, prova um caso sem remédio, deve ir-se embora. Esta é a doutrina pública. E nós agora podemos perguntar: Ir para onde? Para onde vai aquele desenganado, sem casa, sem família, sem amigos, sem nada? Eis aqui a pergunta crucial. Por si só, condena ela, ou pelo menos declara incompletos, os grandes hospitais onde se verifique a omissão”.

Tudo nos parece tão óbvio que não há comentários a fazer. Mas apetece recordar que “a omissão é o acto destrutivo mais poderoso”... Tentamos

iludir-nos com a ideia de que o Estado e as suas obras ditas de “segurança social”, com ou sem o apoio de Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSSs e *quejandos*) resolvem todos estes problemas... Esquecemo-nos até de que, quer no público quer no privado, sempre ouvimos a mesma recusa — *... por falta de verba, não podemos meter mais pessoal e não temos possibilidades para atender pessoas assim tão dependentes...* E este é o nosso grande “pecado de omissão” de que menos se fala — deixar sem assistência os que mais dela necessitam... E mais ainda, esquecermos que “o Estado não pode assegurar o essencial de todo o ser humano”. Não pode, porque não tem competências para tal. O Estado pode dar “competências” académicas, mas não pode dar *competências de Coração e de Fé...* Ninguém pode dar o que não tem. É lá da filosofia clássica — *nemo dat quod non habet...*

Hoje, já quase nem sabemos o que é isso de *o essencial do ser humano.* Pai Américo (e Padre Baptista, depois dele) sempre quiseram ir direito ao **essencial.** Ora, a **ESSÊNCIA** do ser humano é que, quanto mais débil está mais **NECESSITA** de *uma amorosa dedicação pessoal.* Mais necessita de sentir-se amado e de ter a quem manifestar o seu amor. Porque nascemos para amar, deixarmo-nos amar e tudo pôr em amor. E, sem resposta a estas “necessidades básicas” (com todo o respeito pela “pirâmide” de A. Maslow...), não teremos nunca uma vida com *qualidade de vida...* Por muitos “funcionários” que girem à nossa volta.

Para entender isto é preciso mergulhar no problema. Não basta ler, ouvir e... *desandar.* É preciso parar(-se). No silêncio e a sós. Como fazia Pai Américo, a exemplo do *Filho do Carpinteiro.* Ouvir(-se) a partir de dentro. No remexer das entranhas. Na nossa *verdade real.* Para poder ouvir (auscultar!) e compreender o outro — como um verdadeiro *outro eu.* Porque, nascidos do e para o amor, só num ambiente de uma amorosa dedicação pessoal nos sentimos *em casa.* E quem passar por aqui e, atempadamente, se deixar “tocar”, se deixar **ESTAR COM** estas *pegoas com deficiência* (mas sempre **PESSOAS** — *seres para o outro*, em busca de relações construtivas...), quem passar por aqui, de coração aberto à verdade real, não vai ficar indiferente. E, pouco a pouco, pode ser que desperte e entenda o *último sonho de Pai Américo* — o *Calvário.*

Continua no próximo número

PENSAMENTO

Pai Américo

Se realmente se procura melhorar a sorte dos homens dentro de uma nova ordem social, os dirigentes do mundo deveriam começar por se unirem entre si e depois ditar — para assim haver Ordem.

in *Pão dos Pobres*, 3.º vol., p 55

José Fagundo e os nossos professores, levando farnel preparado pela Sr.ª D. Nazaré. Aproveitámos para conhecer algumas praias fluviais, onde gostámos de mergulhar. Assim, andámos animados, pois na mesma semana todos faziam praia, intercaladamente. Foi um mês bom para a nossa comunidade!

PISCINA — Como tem estado muito calor, no fim das ocupações da manhã e da tarde, temos ido para a nossa piscina, onde vamos tomando bons banhos, mergulhando, nadando e brincando. A piscina exige cuidados de manutenção, para estar limpa. E nesta Casa não nos falta água! □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

Os sacerdotes da Obra do Gaiato [da Rua] logo celebraram Missa por sua alma, na Capela do Hospital. O corpo foi trasladado, à tarde, para a Igreja da Trindade, por onde passaram ininterruptamente, de dia e de noite, muitos milhares de pessoas de todas as condições sociais, como já haviam feito na Capela mortuária do Hospital da Misericórdia do Porto, rezando, chorando, beijando as mãos e a batina do bondoso sacerdote. Este, de harmonia com as suas expressas determinações, encontrava-se revestido de batina e descalço.

Depois de celebradas várias Missas, na terça-feira, fez-se a trasladação para Paço de Sousa. Descrever o funeral? Impossível. Jamais se viu, nesta cidade, espectáculo semelhante. A multidão, inconsolável, rompeu em choro convulso, quando o esquife saiu do templo. Milhares de lenços esvoaçavam nervosamente, num acenar de despedida. Numerosas pessoas do povo, homens, mulheres e crianças, lançaram-se ao caminho, ao lado e na reatguarda dos automóveis, que ultrapassavam o milhar, para acompanharem até Paço de Sousa aquele de quem não se resignavam a separar-se. No percurso, quase toda a gente ajoelhava à passagem. Das janelas pendiam panejamentos negros. Braçados de flores eram lançados sobre a urna.

À saída da Trindade, cerca de 500 soldados, em representação dos regimentos da cidade, faziam guarda de honra. O comércio encerrou as portas e as ruas estavam coalhadas de gente. Presidiu ao funeral o Rev. Cónego Tomás Francisco Póvoa, vice-reitor do Seminário de Coimbra, onde o Padre Américo recebera as sagradas Ordens. O Sr. Bispo do Porto, assim como outros Prelados, enviaram representantes.

Precisamente 60 anos depois, em 16 de Julho deste ano, pelas 15:30 horas, o Bispo do Porto D. António Francisco dos Santos presidiu na Igreja da Trindade a uma Eucaristia, que assinalou esse dia de dor (e esperança). Na sua homilia, afirmou que *nós devemos saber merecer e agradecer o Pai Américo, agradecer o amor que ele tinha pelo Porto, pelas crianças, pelos pobres e pelos doentes.* E lançou um desafio: *a Igreja em Portugal tem de saber continuar a Obra que ele iniciou.* Especialmente, *em ano santo da Misericórdia nós devemos ajudar a dar visibilidade à vida, ao testemunho e à Obra do Padre Américo.* Mais: *o bem que ele realizou não passa jamais, por isso continuará como um grande património de bênção para o Porto e para a Igreja em Portugal e no mundo.*

Participaram cerca de meio milhar de fiéis, notando-se a presença dos filhos da Obra deste tempo, que foram chamados pelo Reitor dessa Igreja para mais junto do Altar, qual sinal do lugar que os mais frágeis devem ocupar na vida eclesial. Nessa bela tarde, inundada de Sol, a gratidão viva e a alegria estampada nos rostos marcaram a Celebração Eucarística em memória de um grande amigo dos pobres, também do Porto, cuja cidade elogiou gratamente: *Ai Porto, Porto, quão tarde te conheci!* Diga-se, afinal, na qual tão cedo partiu para a glória do Pai, que não nos deixou órfãos. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

A Janete já aqui referida deixou a casa alugada, nas Praias do Sado, e veio para um andar num prédio de sete pisos, situado no bairro dos Índios, em plena cidade de Setúbal.

A casa deixada custava-lhe 250€ por mês, cujo valor, após pedido, era sempre acompanhado de exortações e até ralhos: — *Não pode ser. Um de vós pode muito bem arranjar trabalho. A gente mexe-se. Procurem-no. Se não é uma coisa é outra. Assim é que não pode ser.*

Claro que não lhe dávamos só o dinheiro, mas também comida, roupa e calçado.

Este andar, agora, custa-lhe apenas 100€ mês, mas não tinha nada. Nem mobília, nem electrodomésticos nem nada. Dormia no chão, ela, o marido e os filhos em cima de um cobertor.

Tudo lhe fornecemos, faltando-lhe um esquentador e um frigorífico, que se vieram hoje de Loures, onde fomos buscar uma casa completa, serão para eles.

Moram no 3º andar. O prédio tem o elevador avariado, não funciona há décadas.

Vi-me aflito para chegar lá, pelas escadas estreitas e esburacadas e muito sujas.

Ao entrar no prédio, logo naquele vão, antes das escadas, encontrei montes de lixo com papéis e plásticos, garrafas e sacos atirados ao chão como se fosse uma estrumeira. O cenário de desleixo e imundície, era comum a toda a escadaria. As portas de fora dos andares do que

foi elevador, arrombadas e com as aberturas pregadas com outras portas e pedaços delas, umas sobre as outras, em desarmonia arrepiante.

Embora vivam no prédio pessoas com algum nível humano (vê-se pela qualidade das portas de entrada) a maioria é gente a quem não repugna esta confusão.

Meu Deus! Fala-se tanto do Social, mas quando se chega a situações concretas, ninguém se mexe, nem se incomoda. Toda a gente tem categorias sociais que não se coadunam, na sua mentalidade, com a missão de ir a estes prédios, na sua maioria camarários, tratar da sua limpeza, exigir asseio e dar a mão.

A Igreja, normalmente, aqui na cidade, fecha-se na sacristia, nos centros sociais e no seu apostoladozinho, que são sempre lugares menos arriscados e mais cómodos. Julga mesmo que velar por estes pobres, pertence ao Estado e que a Igreja todavia faz muito. Estes bairros são campo aberto para manifestar a justiça Divina, para se ter noção das injustiças e a visão delas. Não podemos ficar só com relatórios, estudos ou reportagens, é preciso, como insiste continuamente o Papa Francisco **ir lá cheirar as ovelhas** para se ver a largueza enorme da miséria humana, em tantas **periferias** das cidades.

O corrimão da escada está todo escavacado, também, por isso, me vi em dificuldade para subir e descer. É contra a lei ter prédios a funcionar sem condomínio organi-

zado, sem elevador, sem o mínimo de dignidade.

Tanta criança que ali vive, passa pelas escadas respirando este ambiente demolidor que as vai degradando. Para acreditar a fé Cristã no Deus vivo e o valor da nossa Igreja, é necessário vencer o indiferentismo, pois, assim, tudo se vai esvaindo como fumo de uma labareda apagada.

Tanta gente a peregrinar a pé para a Fátima e tão pouca a percorrer os ambientes pobres das suas cidades. Tenho a certeza que seria mais agradável à Mãe do Céu, a Pobre de Nazaré, visitar os seus filhos mais pobres.

Minhas ricas conferências Vicentinas! Meu rico ideal da pobreza.

É realmente o BAIRRO DOS ÍNDIOS.

Tenho sofrido com o pedir de fogões de cozinha para confeccionar as refeições da casa.

Encontro mães de família, a valerem-se de um pequeno grelhador eléctrico ou um fogareiro a carvão, para fazer comida. Brada aos Céus!

Os que me vão dando, não chegam, nem de longe, para as necessidades encontradas e os pedidos que me cercam. Comprei dez fogões, que irão abafando o meu sofrimento e aliviando as pobres mães de família.

Nada faz tanto bem à família como uma refeição cozinhada e comida em casa, à volta da mesa, com todos os membros usuais da mesma.

Sabemos que a família não se faz só com a refeição. Ela tem muitos ingredientes, mas um fogão, nos dias de hoje, e na cidade, é uma peça importante. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Festa da Obra da Rua

A celebração da Festa da Obra da Rua, com a figura de Pai Américo no Centro, continua muito viva em nossos corações. Houve três momentos, de muita elevação humana e espiritual, vividos na nossa Casa do Gaiato de Benguela. O dia 15 de Julho, primeiro, foi marcado pela Festa na Escola da Casa do Gaiato. A multidão de crianças dos bairros vizinhos exultaram de alegria. Desde o início, a Escola foi uma das pedras fundamentais na primeira Casa do Gaiato que Pai Américo fundou. Em princípio destinava-se aos filhos da rua, acolhidos com todo o amor e carinho possíveis, residentes na própria Casa do Gaiato. O dinamismo educativo fundamental, no sentido de fazer de cada rapaz um homem, exigia a presença da Escola. De início, destinava-se exclusivamente aos filhos da Casa do Gaiato. Algum tempo depois, devido à circunstância da falta de escolas na sociedade, houve a abertura às crianças de fora. Foi uma forma maravilhosa de ajudar os outros filhos, num projecto de vida humana normal e digna.

Assim aconteceu na nossa Casa do Gaiato de Benguela, há cinquenta e três anos. A maioria das crianças não tinha escola, onde fizessem o seu crescimento normal. Entretanto, a Casa do Gaiato nasceu como a Casa de Família dos filhos sem família, abandonados. A escola nasce, também, como parte integrante do projecto educativo para os filhos acolhidos. Passado algum tempo, perante o espectáculo desolador da multidão de crianças, sem escola, nos bairros circunvizinhos, foi construído um novo edifício escolar para acolher esses filhos. Foi um passo maravilhoso. Por isso, no dia da Festa da Obra da Rua, a Escola para os de dentro e para os de fora associou-se com um programa muito interessante. A dimensão espiritual foi marcada pela celebração da Eucaristia, animada pelos próprios alunos e todos os professores. Pai Américo estava, também, presente no coração de todos como Patrono do grande acontecimento. Este foi o primeiro dia da Festa da Obra da Rua. É o momento privilegiado para agradecermos, com todo o coração, a ajuda dos Centros Universitários que têm aberto as suas portas aos rapazes da nossa Casa do Gaiato de Benguela. Alguns, pelo seu aproveitamento escolar e o seu bom comportamento, merecem este prémio. Que seria destes filhos, se Pai Américo não viesse ao seu encontro, com a abertura das Casas do Gaiato? Recordo-me, também, do meu encontro com Pai Américo na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, um ano antes da sua morte. Foi um momento de muita alegria, de parte a parte. Faltavam-me dois anos para nascer Padre para a Obra da Rua.

O segundo dia da Festa foi o próprio dia 16 de Julho. Os animadores estavam nos corações dos filhos residentes na comunidade da Casa do Gaiato. Houve uma presença que é habitual, mas eleva os nossos corações, pelo amor e carinho que manifestou, desde sempre, para com a nossa Casa do Gaiato de Benguela. É a pessoa do Sr. D. Óscar, Bispo Emérito de Benguela. Presidiu ao momento central da nossa celebração festiva. Neste dia, tivemos, também, muito presentes os benfeitores da nossa Casa do Gaiato de Benguela. Nesta fase muito difícil, por que estamos a atravessar, como seria possível a nossa sobrevivência, sem a ajuda dos nossos benfeitores? Como seria possível a sobrevivência da multidão de pobres doentes e famintos que batem à porta da Casa do Gaiato de Benguela, como a única porta da sua esperança? Vamos, pois, continuar a caminhar com muita esperança. Que o amor dos vossos corações se inflame de generosidade, com a partilha das migalhas disponíveis. Nesta hora, está muito viva, no nosso coração, a lembrança das vossas vidas generosas. Não esqueçais, por amor do Deus vivo no coração de Pai Américo e na Casa do Gaiato de Benguela, com todos os seus filhos e pobres necessitados, em extremo. É a forma mais bela e mais fecunda de estardes connosco na celebração da Festa da Obra da Rua. Que o Pai do Céu vos abençoe pelo canal do coração de Pai Américo!

O terceiro dia da Festa da Obra da Rua, nos 60 anos da partida de Pai Américo para o Céu, foi celebrado com a presença dos filhos que já estão fora da Casa do Gaiato. Vieram em multidão e juntaram-se aos que estão dentro. Já foram muitas as centenas de filhos criados, ao longo dos 53 anos do seu nascimento. Um dos filhos que vive, há vários anos, com sua família constituída, apresentou um grupo coral admirável, criado e animado por ele, que animou o acto central do dia, a celebração da Eucaristia. Chama-se Lourinho! Como acontece nas famílias naturais, com normalidade, há uma pequena porção que não aproveitou a oportunidade única que lhes foi dada de viver com dignidade humana. Contudo, a nossa sociedade ficou mais enriquecida com a multidão dos filhos que aproveitaram, de acordo com as suas capacidades, a riqueza humana que lhes foi dada por amor, enquanto viveram na Casa do Gaiato de Benguela.

A nossa gratidão e alegria a todos os que partilharam connosco a celebração deste acontecimento em que, de modo especial, foi lembrado o 60º aniversário da partida de Pai Américo para o Céu. Que Ele nos dê a sua bênção, com um beijinho dos filhos mais pequeninos da nossa Casa do Gaiato de Benguela. □

VINDE VER!

Padre Quim

«Venha a nós o Vosso Reino»

Nestes tempos tão conturbados em que vivemos, sob o domínio das incertezas sobre como há-de ser o dia de amanhã, é necessário privilegiar, antes de tudo, a prática da oração diária. Mais do que qualquer outra coisa, a atitude orante é fonte de serenidade e de confiança na Divina Providência, perante a falta de pão para matar a fome a quantos batem à nossa porta, perante a situação dramática de falta de assistência médica, a falta de emprego, que frustra o sonho dos jovens e de tantos outros recursos básicos que são necessários para podermos falar de alguma qualidade de vida.

A Igreja é, nestas circunstâncias, desafiada a ser a Mãe protectora dos seus filhos, sobretudo daqueles mais rejeitados e atirados à sua sorte. Faltam profetas à moda antiga, que não se calam diante das injustiças sociais. A voz de São João Baptista não deixava Herodes comodamente nos seus banquetes.

Escrevo estas linhas carregadas de preocupações diversas que ultrapassam as reais possibilidades de serem prontamente respondidas. Como cristão sinto os gemidos do nosso Povo, condenado à luta pela sobrevivência. Qual filme mais real se pode encontrar no ciclo da vida? O reino da pedra cada vez mais longe da pedra majestosa do palácio dos grandes.

A porta do nosso escritório é constantemente golpeada ao dia — são as necessidades dos pobres à procura de solução na casa de

outros pobres. Somos da mesma carruagem do comboio da vida. Nós, pobres por opção, por amor aos pobres, e eles por imposição do sistema de injustiça estabelecido por uma elite insaciável de cifrões. Enquanto houver pobres no mundo, os ricos não chegarão a gozar comodamente da fortuna que possuem. Só a fraternidade coloca cada um tranquilamente no seu lugar no seio da família humana.

No Domingo, a pregação foi sobre o tema da Oração. Todas elas devem, antes de mais, pedir ao Pai do Céu que manifeste no mundo o Seu amor e que realize o Seu Reino de Paz, de Amor, e de Justiça. A oração não pode deixar a pessoa de braços cruzados à espera da chuva de bonança, ela prepara-nos para empenharmo-nos activamente, para acolher e construir este Reino Novo.

As preocupações mais gritantes

estão ligadas aos casos de saúde dos rapazes, de dentro como os de fora, e dos nossos trabalhadores. Os hospitais não têm luvas nem compressas para fazer um curativo. Todos os dias fazemos o caminho doloroso das farmácias, fica lá o dinheiro para salvar vidas. Que dizer das lojas para comprar alimentos? Num País que tudo importa e não se importa em produzir bens de primeira necessidade. Não digo os preços do arroz, do feijão, da farinha, do açúcar, para que não te assustes da nossa realidade e tenhas a possibilidade de partilhar com os pobres, dando da tua pobreza, que é a verdadeira oferta agradável a Deus. E assim, emprestas ao pobre o que hás-de receber em abundância como recompensa na vida além do materialismo. A conclusão vem do postal de Pai Américo: «os pobres compreendem o pobre e sofrem o seu viver». □

MALANJE

Padre Rafael

Continuação da página 1

Na semana seguinte, a tristeza apoderou-se de toda a nossa Comunidade, faleceu o Hélder (Eide), um dos nossos mais pequenos, com apenas 9 anos, num acidente, quando brincava em cima da camionete. Continua a ser uma das situações mais difíceis de encarar em nossas Aldeias. Continuamos a refazer-nos e rezamos, para que desde o Céu, cuide dos nossos «Batatinhas». Numa carta que me escreveram «Tem-bichas», Elísio e «Peixe frito», da sua própria camarata, dizia: «Uma carta para o nosso irmão Eide. Eide, nós sabemos que nunca mais te veremos e não poderemos brincar contigo, esperamos que a tua alma descanse em paz». □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • obradarua@iol.pt

www.obradarua.org.pt

facebook.com/Casa.do.Gaiato

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 21650

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa